

# diário de corpo do pensamento<sup>1\*</sup>

Maruzia Dultra

Seguia sem saber os percursos. Quais inflexões desajeitadas fariam curva sobre este corpo? Quais tomadas de tempo seriam apagadas no interruptor? Uma penumbra que queria guardar algum vestígio. Uma encosta cimentada ao lado para conter desmoronamentos. Luminárias ambulantes se aproximando, chegando, em mim, e depois. A estrada continuava, afinal. Nada tinha de pontual a não ser os faróis que insistiam em clarear, mas até eles eram extensos como o trajeto. Imaginava por onde estava indo, queria imaginar - ou algum desejo pueril de que fosse apenas uma brincadeira sem graça, que acaba quando menos se espera. Mas demorava a chegar o alívio: descer na estação, caminhar calmamente, atravessar a faixa - fim da linha.

Olhei para frente e não me encontrei. Mexia-me ansiosamente de um lado para o outro, na tentativa de me perceber pela movimentação que fazia, mas já não me reconhecia entre aqueles, não na forma pela qual estava acostumado a (me) ver. Havia os outros e eu me confundia. Eram tantos e em número crescente, ficava cada vez mais difícil me detectar. Olhei mais uma vez com atenção: fechei bem os olhos, apertei-os e novamente. Experimentei a sensação de realizar gestos sutis sem enxergá-los - a ilusão de olhar minha imagem me subtraiu a capacidade de movimentos. Eles já não coincidiam. Foi então que desisti. Permiti que aquele embarque fosse um arrastar-me para qualquer lugar que eu não sabia, esse desaguar sem fronteiras: represa abaixo...

---

<sup>1</sup> \* Este texto foi produzido inicialmente como parte de minha dissertação de mestrado em Artes Visuais, sob a orientação de Branca de Oliveira, intitulada *M. Corpografias: incursão em pele imagem escrita pensamento*, defendida no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Escola de Comunicações e Artes da USP, em 2012.

Uma barata aparentemente não esfacelada repousava imóvel com o ventre à vista. Uma aranha peçonhenta frequentava a biblioteca cuidando para não esbarrar de forma fatal, nem ser esmagada. Estava de salto, caminhava Alto ALto ALTO. Ela sabia os perigos de se fazer visível, mas era igualmente arriscado não ser vista. Eu também andava acima do chão, a quasexatos dez centímetros, e não havia saltos.

Havia sim.

Eles eram tantas vezes o declive entre um abismo e outro abismo. Um nunca é igual ao outro, mesmo que pareça. As inclinações também não o são. Chegam sorrateiras e tomam tudo, inundam. São as águas desaguadas. E, de repente, está tudo arrastado, mesmo o que se deixa esbarrar. A aranha não queria o encontro-colisão, mas a água sempre quer. Talvez sem disposição tamanha, mas há a força, o ímpeto, o que a leva, ela mesma, para o confronto incontível. Tudo se figura, então, transponível: incontornável é ela, de tanto contornar todas as coisas. Desviar seria explicitar uma fraqueza? Tentativa - se ela não consegue se inclinar, arranca. Mas, do ponto de vista da árvore secular e enraizada que é destroçada, há intolerância e os limiares mínimos de aceitação. Para o pequeno pedregulho levado, deslocamento temporário enquanto o outro não vem. Para as matas ciliares, linhas de corrosão cotidianas - que endurecem, mas estabilizam em certo grau necessário. Pois até as passagens torrenciais e trombas d'água precisam de um curso. Mesmo que ele custe o adiante inteiro.

Subitamente, o contorno definido pela pele pareceu trivial - e se, ao invés dela, aparecesse o avesso, com as vísceras expostas, todas visíveis a olho nu? Tão nu que o olho já não estava mais lá. No lugar dele, extravasando a órbita, saíam retina, arteríolas e nervo. Curioso? Viva a ordinariedade ciliar. As baratas agradecem a casca. E os ovos.

Uma roupa tecida propriamente no corpo - sua voz costurada na pele. Cosida tão de perto que já não se separa do que me constitui. Densidades imiscuídas numa mesma forma - que chamo de minha, como posse, embora seja eu que pertença a ela. Continência mútua, aliás. Ainda não prescindo dela, porque *ainda não prescindimos do corpo.*

Se isso parece banal, o que haveria de descolar-se?

•  
Certa incapacidade - ou falta de vontade - de me desgrudar dessa derme. É o indesejo de ouvir outras ideias, impaciência de esperar as outras formas de dizê-las. Mas poderia mesmo me propiciar essa comodidade? Como um luxo desvirtuoso? Não parece cabível ao que se propõe investigar.

•  
Pesquisar é criar?  
Pensar é criar.

(E é preciso apostar nas im/possibilidades)

•  
Que os laboratórios se ergam em porões e terraços distintos que às vezes coincidem

Que, contorcendo a mesma matéria, levantem-se danças imprevisíveis  
Que todos, na medida da criação, pesquisam vida

•  
A pesquisa poderia ser dita como um acontecimento complexo que tende à ordem?

Mas tender não é alcançar, é tangência: a mesma dinâmica escapatória daquilo que vai querendo chegar; o que se esvai e quer ficar. A linha que nunca finda. Margeando as bordas, dissipa-as, traz o vislumbre para perto e o carrega de volta.

•  
Se aparecia como compreensão, logo depois descompreendia.

Distância.

E tinha um motivo: era aquela defesa desmesurada, que não deixava de parecer cristalização - a pedra que se forma no rim, o tumor que se aglomera em qualquer parte, o trombo que obstrui a passagem, um corpo padecendo de fluxo. Essas coisas que acontecem interrompendo alguma escala do vivo.

(Mas também elas geram outras coisas vivas)

Um tumor é vida. Não para o corpo que o abriga – para ele mesmo, que apresenta uma força tal capaz de definhá-lo. Ingrato, esse hóspede não quis. Também as pedras, seres vivos ingratos do reino mineral – rins, ureteres e uretra irão concordar. E, por enredamentos minuciosos, pedaços do próprio corpo se rebelam em motins e aglutinam o que deveria ser fluido. Essa é a dinâmica do vivo. Corpo contra corpo. Então, mesmo o movimento pode ser letal ou trazer outros prejuízos, porque há nele a continência de seu *anti*: movimento do antimovimento, e o contrário.

•

Nunca se sabe a existência completa de um embrião antes que ele viva tudo. É como o ovo que se transmuta em forma vivível para exercê-la: não teria como sabê-la de outra *forma*. Assim acontece também com o pensamento, por isso não se alcança sua ponta. Qualquer inflexão, desvio, e já uma nova rota.

•

Quais os movimentos sutis de vida necessários para que um pensamento não morra? (Interesse que me ocorre para delinear ameaças de extinção) Como um pensamento se mantém ventando no decorrer do tempo? Qual trajetória ele alinha? Qual a variação gráfica de vida traçada para a sobrevivência de um pensamento? E, por outro lado, quais as incursões de um pensamento na forma vivente?

•

Fazer do pensamento, ofício, recorrente estado: criação. Pensar é propor-se a dúvida, disponibilizar-se a ela, quase como num sacrifício ritualístico que demanda aberturas para que o fechamento se realize. (Porém, perdeu-se a chave). Há que se ressaltar a caligrafia própria de cada pensamento, pois como exigir que as palavras sejam encarrilhadas segundo os mesmos ditames, se as ideias não o são?

\*Maruzia Dultra é pesquisadora, graduada em Comunicação Social pela UFBA e mestre em Artes Visuais pela USP. Contato: maruziadultra@gmail.com